

Ruth Guimarães

Calidoscópio

A saga de Pedro Malasartes

Um estudo sobre
a figura universal do pícaro

2ª. Edição
2023


MADAMU

Copyright © 2023 Editora Madamu

Editores
Marcelo Toledo e Valéria Toledo

Projeto Gráfico e Capa
KOPR Comunicação

Imagem da capa:
Ruth Guimarães na cidade de Cachoeira Paulista. Fotografia de Botelho Netto
(acervo do Instituto Ruth Guimarães). s/d
Images do miolo:
fotografias de Botelho Netto (acervo do Instituto Ruth Guimarães). s/d.

Impresso no Brasil.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer
meio sem a autorização por escrito da Editora.

Todos os direitos reservados à Editora Madamu
Rua Terenas, 66, conjunto 6, Alto da Mooca, São Paulo, SP
CEP 03128-010 – Fone: (11) 2966 8497
www.madamu.com.br
E-mail: leitor@madamu.com.br

G963c Guimarães, Ruth (1920-2014)

Calidoscópio - A saga de Pedro Malasartes. Um estudo sobre a figura universal
do pícaro / Ruth Guimarães - 2ª. ed.. - São Paulo: Editora Madamu, 2023.

372 p., 16 x 23 cm
ISBN 978-65-86224-38-2

1. Literatura folclórica. 2. Folclore. Tradição popular. I. Título.

CDD: 398.2
CDU: 398

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura folclórica. 2. Folclore. Tradição popular. I. Título.

Índice

APRESENTAÇÃO, por Joaquim Botelho. 9

PRIMEIRA PARTE (INTRODUÇÃO)

Delimitação da Área de Estudo	15
Geografia Valeparaibana	17
Prefácio	20
Facécias	31
<i>Malasarte e o cego</i>	31
<i>Malasarte e o padre</i>	33
<i>Malasarte e o anjo</i>	33
<i>Malasarte e o português</i>	34
<i>Pedro e o cavalo branco do português</i>	35
<i>Pedro e o papagaio do rei</i>	36
<i>Pedro e o homem sabido</i>	36
<i>Malasarte e o peru na chapa quente</i>	37
<i>Malasarte e as vacas</i>	37
<i>Malasarte e a irara papa-mel</i>	38
<i>Pedro e a Morte</i>	39
<i>Malasarte e o Preto Velho</i>	39
<i>Malasarte e a marca na boiada</i>	40
<i>Malasarte apostador</i>	40
<i>Malasarte professor de burro</i>	41
<i>Malasarte e o burro que sabia ler (variante)</i>	42
<i>Malasarte devoto de Deus e do Diabo</i>	43
Petas e Patranhas (as mentiras do Malasarte)	45

<i>Maneiras de datar</i>	45
<i>No dia em que choveu bosta</i>	45
<i>No dia em que o velho foi para a escola</i>	47
<i>Os dois mentirosos – Malasarte e Vitalo</i>	48
<i>O livro de enganar</i>	52
<i>Malasarte no convento</i>	53
Burlas	54
<i>Falsos objetos mágicos</i>	54
<i>A mãe e outros defuntos assassinados</i>	56
<i>Ressurreição da falsa morta seguida de assassinio</i> <i>por imitação</i>	59
<i>Ciclo de ladrões roubados</i>	61
<i>O Bichão</i>	65
<i>Pedro e os sacis</i>	66
<i>Roubo com a cumplicidade (involuntária) dos roubados</i>	67
<i>Porcos atolados</i>	71
<i>Nomes e recados trocados</i>	76
<i>Pedra escorada</i>	83
<i>A mulher estúpida</i>	85
<i>A sopa de pedras</i>	90
<i>Pedro médico</i>	93
<i>Os negócios de Malasarte barganhista</i>	99
<i>A coxa da galinha</i>	102
<i>Casos do surrão</i>	105
<i>O passarinho de ouro</i>	123
<i>Malasarte e o periquitinho</i>	125
<i>O cavalo que defecava dinheiro e outras histórias sonantes</i> ..	126
<i>As panelas miraculosas</i>	131
Fugas por Meio de Artimanhas	135
Instruções Seguidas Literalmente	140

SEGUNDA PARTE (TRANSIÇÃO PARA O MÍTICO)

As Tarefas Impossíveis	147
Testes de Sabedoria (proposição de enigmas)	156
A Porfia	164
Os Seis Companheiros (e ainda algumas considerações sobre os gigantes)	172

Adivinhas (adivinhão por acaso)	176
O Couro das Costas (o Malasarte vingador)	181
Tesouro Enterrado	195
A Bengala de Trinta Arrobas	200
Casos de Castigo Dentro do Saco (e outros dentros)	204
A Divisão da Colheita	214
Ciclo do Diabo Logrado	221
<i>O trato com o diabo</i>	221
<i>Os três cabelos de ouro do diabo e outros enganos</i>	225

TERCEIRA PARTE (MALASARTE MÍTICO)

Histórias de Pedro Malasarte e Nosso Senhor	229
<i>Jesus na Terra</i>	229
<i>Milagres imitados e pedidos concedidos</i>	231
Malasarte no Céu	243
Objetos Mágicos	251
<i>Notas sobre o pícaro e os objetos mágicos</i>	253
<i>Notas sobre o chapéu encantado</i>	255
<i>Notas sobre o transporte mágico</i>	257
<i>Notas sobre objetos mágicos punitivos</i>	259
<i>Notas sobre uma crendice – Malasarte no céu,</i> <i>contando trigo</i>	260
<i>Notas sobre o banquinho mágico</i>	261
<i>Notas sobre o violino mágico e outros instrumentos</i>	262
CRONOLOGIA	265
BIBLIOGRAFIA	267
SOBRE A AUTORA	271

Apresentação

Antonio Candido esteve no lançamento da primeira edição deste *Calidoscópio*, em 2006, para prestigiar a sua amiga desde a juventude. Ruth acabava de completar a sua pesquisa sobre o pícaro brasileiro, aos 86 anos. Candido estava com 89 anos, lépido e, como sempre, um cavalheiro e um bom amigo. No encontro, lembraram-se de quando, moços, em 1946, foram ambos ao lançamento do livro *Poemas, Sonetos e Baladas*, de Vinicius de Moraes, no saguão de um hotel no centro de São Paulo.

Candido leu *Calidoscópio* com a lupa do seu conhecimento das coisas do povo do interior, ampliada pelos estudos que fez de literatura ao longo de décadas. Escreveu, sobre o livro da amiga, um comentário do qual extraímos este trecho:

A sua produção [de Ruth Guimarães] se destaca pela coerência, pela inclinação constante no rumo da cultura popular, seja tratada como estudo, seja infiltrada como objeto de ficção. Basta lembrar aquele livro de estreia e o posterior Os Filhos do Medo. No terreno da investigação, o coroamento desse pendore talvez seja o livro erudito sobre Pedro Malasarte, o herói folclórico que ela abordou no enquadramento multicultural do tipo-matriz, o “trickster”.

O termo trickster foi proposto por Lawrence W. Levine, no seu livro *“Black culture and black consciousness: afro-american folk thought from*

slavery to freedom”. Levine estudou o personagem da tradição oral norte-americana, John, protagonista de narrativas orais coletadas nos Estados Unidos no final do século XIX por vários pesquisadores. O personagem John, moço, preto, sem trabalho certo, que vive de patranhas, nas histórias difundidas no Brasil às vezes é confundido ou misturado com a figura do Pai João. John é definido por Lawrence Levine como um *trickster* (malandro, vigarista, velhaco, trapaceiro). É um tipo de grande inteligência e esperteza, que nas histórias populares aparece sempre enganando senhores brancos, por meio de artes e manhas para tomar-lhes alimentos, pertences ou dinheiro. Como o Pai João, e como o Pedro Malasartes, que Ruth Guimarães registra, John obtém sucessos e também coleciona fracassos.

Após a coleta de narrativas junto a pessoas simples, do povo da roça e das cidades pequenas, ao longo de mais de 30 anos, Ruth Guimarães tratou de fundamentar o trabalho com base em tudo o que aprendeu com Mário de Andrade, de técnicas de pesquisa folclórica, acrescentando notas de erudição. O resultado é este magnífico levantamento desse personagem macunaímico — de certa forma de caráter universal — que é o nosso Pedro Malasartes.

Durante sua pesquisa, Ruth hesitou algumas vezes entre registrar o nome Malasartes ou Malazartes — tanto que utilizou o segundo na primeira edição deste trabalho. Nós, os filhos (Marcos, Júnia e eu), avaliamos a lembrança de todas as conversas que tivemos com nossa mãe sobre o teor do livro, e optamos por uniformizar a onomástica para Malasartes. E assim ficou.

Para registro, dois anos após o lançamento da edição inicial de *Caldoscópio — a saga de Pedro Malasartes*, Ruth Guimarães foi eleita para a cadeira número 22 da Academia Paulista de Letras. Naquele cenáculo, propôs e teve apoio de acadêmicos como Raul Cutait, Hernâni Donato, Anna Maria Martins e Mafra Carbonieri para reunir 1.000 (mil!) histórias populares para uma publicação a ser distribuída nas escolas. A sua intenção era gravar em livro o que a literatura oral conta da nossa identidade nacional e da nossa geografia social. Não teve tempo de dar andamento ao projeto, que restou esquecido. Porém, pesquisadora incansável do folclore

brasileiro, deixou mais de 1.200 páginas, datilografadas e manuscritas, rascunhadas, mais papéis avulsos, tratando da medicina popular, um outro registro monumental do modo de ser, de agir e de entender o mundo pela nossa gente. É um trabalho que os filhos estão organizando e editando aos poucos, à espera de possibilidades de publicar.

Esta — e mais 52 livros publicados, entre contos, traduções, romance, pesquisas folclóricas e crônicas — é apenas a parte mais tangível do que foi a escritora e cidadã Ruth Guimarães. Lembranças que tentamos perpetuar com a criação do Instituto Ruth Guimarães, em 2019. A iniciativa foi de Júnia Guimarães Botelho, a filha caçula, que trabalha para resgatar e — por que não? — prosseguir o trabalho da mãe.

Recebam, leitores, este último trabalho de Ruth Guimarães, esta pesquisa amorosa que Antonio Candido louvou, corolário de uma vida dedicada a observar e registrar a alma brasileira.

Joaquim Maria Botelho,
março de 2023.

Primeira Parte *(Introdução)*

DELIMITAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

GEOGRAFIA VALEPARAIBANA

PREFÁCIO

FACÉCIAS

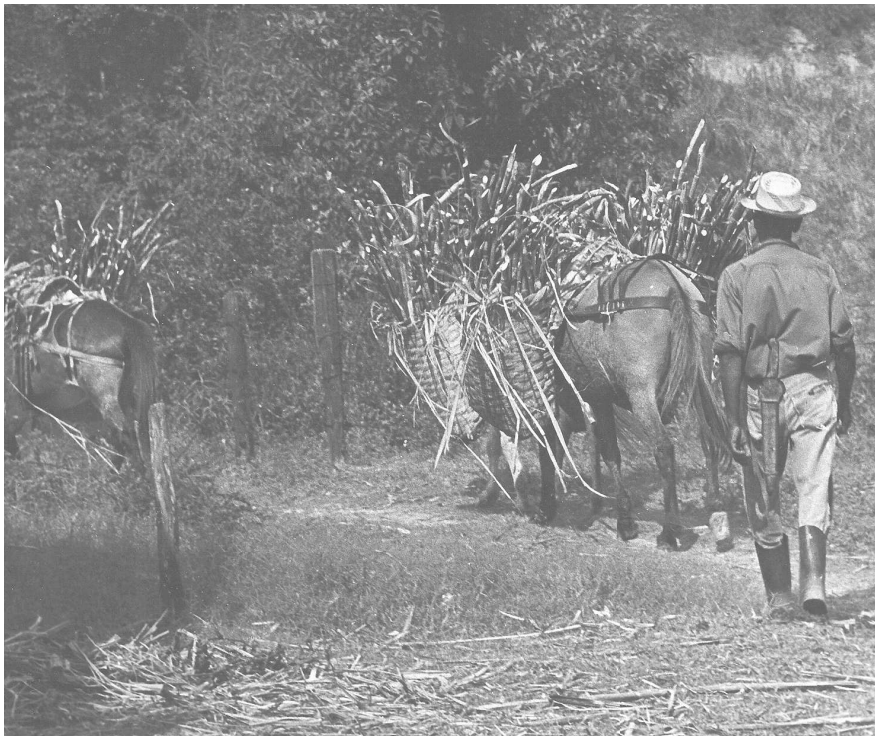
PETAS E PATRANHAS

BURLAS

FUGAS POR MEIO DE ARTIMANHAS

INSTRUÇÕES SEGUIDAS LITERALMENTE

Delimitação da Área de Estudo



Bacia do Paraíba do Sul, desde Santa Isabel, em São Paulo, até Barra do Pirai, no Rio de Janeiro, e fletindo para Minas Gerais, todo o sul, incluindo as estâncias hidrominerais. Ou seja, o Médio Vale Superior; esta é a ambientação de nossa pesquisa, realizada entre os anos de 1970 e 1983. O Médio Vale Superior do Paraíba, uma região com pouco mais de 18.000 quilômetros quadrados, 39 cidades, ultrapassando a marca de dois milhões e quinhentos mil habitantes. Além da identidade geográfica, tem presença histórica de rara importância. Passaram por ele grandes aventureiros de lendária memória. Estudaram-no muitos cientistas. Foi cenário da mais alta significação. É até hoje área de enorme desenvolvimento econômico e tecnológico. As suas cinco maiores cidades, medidas pelo número de habitantes, são, na ordem: São José dos Campos, Taubaté, Jacareí, Pindamonhangaba e Guaratinguetá.

São Paulo e Rio de Janeiro, pela conurbação das cidades que se imbricam umas às outras, como já acontece com Jacareí e São José dos Campos, com Aparecida e Guaratinguetá, serão, por uma cadeia contínua, a megalópole brasileira. Talvez previsão para os princípios do segundo milênio.

Habitando um corredor de passagem para três Estados, o homem valeparaibano é antes de tudo um híbrido: Paulista de Sudeste, mais Fluminense de Baixada, mais Mineiro do Sul do Estado, resultam em tipos étnica, folclórica, linguística e socialmente idênticos. Por isso, os sociólogos encontram por toda a área um certo ar de família.

A par de tudo isso e de uma riqueza folclórica muito expressiva, o Vale é de uma pobreza de doer. Terras pobres devolutas, pecuária que é praticamente um pastoreio, abandonada pelos poderes.

Quanto ao rio, rio meu rio, nem é bom falar.

A Sociologia, a Biologia, a Ecologia, os sábios e os poetas, toda a gente anda preocupada com os rios e nós, valeparaibanos, preocupados com o nosso.

Enquanto o povo verifica desolado que o Paraíba está morrendo, os cientistas mais radicais declaram que o Paraíba está morto. Mas, mesmo à beira da morte, ele é ainda a esperança de muitos e pobres pescadores, piraquamas ou piraquaras, que, de vara em punho, de dia e de noite, sentam-se em sua beira, como se esperassem o milagre da multiplicação dos peixes.

O Vale do Paraíba outrora gozava de um prestígio fabuloso devido às suas riquezas. Hoje, tem-se em mente novo progresso para a região, com o início da construção de barragens e diques, metrô de superfície, atividades de reflorestamento, hidronavegação, caça, pesca, controle de poluição, zoneamento urbano e rural, conservação das pastagens e auxílio aos agricultores.

No passado, o Vale foi perdendo suas metas devido ao empobrecimento da terra, às injustiças sociais, à escravidão, à derrubada das matas e à desolação total das terras. Nos dias atuais a vida recomeça com a nova fase da industrialização em massa, e a atualização do sistema agropecuário, que ainda no momento é setor de grande atividade econômica da região.

Geografia Valeparaibana

A economia do Vale do Paraíba está centrada nas seguintes culturas e atividades produtivas:

CAFÉ – a fim de atender aos grandes consumidores mundiais, a rubiácea foi introduzida na região em fins de 1700. Com o esgotamento da terra e abolição da escravatura, a região passa para um novo campo de atividade até os dias atuais, ou seja, a agropecuária.

ARROZ – produzido em toda a região valeparaibana. Pindamonhangaba é líder no Vale em área de plantio e quantidade colhida (já chegou a alcançar 210 mil sacas por ano); Lorena e Canas também se destacam na produção de arroz, sobressaindo a região de Caninhas e o famoso Brejão – esta localidade contou com uma colônia chinesa de engenheiros agrônomos de Formosa. Caçapava aparece em seguida.

MANDIOCA, MILHO E FEIJÃO – sobressaem as cidades de Cunha e Pindamonhangaba nesta produção.

TRIGO – chegou a ser tentado em Pindamonhangaba e Caçapava, mas o clima não permitiu sua produtividade em quantidade rentável.

HORTICULTURA – praticada intensivamente nas várzeas valeparaibanas, principalmente pelas colônias japonesas.

CANA-DE-AÇÚCAR – responsável inicialmente pela riqueza agrícola do Vale do Paraíba, foi substituída pelo café e hoje é plantada somente para forragem do gado bovino. Em alguns locais como Paraíba e certas regiões do Alto Vale do Paraíba, como Queluz, Bananal e São José do Barreiro, é cultivada para a produção de aguardente.

PECUÁRIA – tem grande destaque. Nesta atividade faz-se boa criação de bovinos da raça Holandesa, Cruzado e Pardo Suíço. Em Cunha foi desenvolvida

uma raça especialmente adaptada aos morros da região — o gado Mantiqueira. Em São José dos Campos algumas fazendas criam com sucesso o gado Jérsei. Também foi tentada, e ainda perdura, com algum resultado, a criação de búfalos, especialmente em Bananal e São José dos Campos.

INDUSTRIALIZAÇÃO – Grandes centros como São José dos Campos, Taubaté, Pindamonhangaba e Jacareí envolvem cerca de 1.800 indústrias ou 79% do total da região. Guaratinguetá e Cruzeiro figuram como centros médios, atingindo 12% do total, e sofreram proporcionalmente menos com a recessão e a crise mundial de mercado. Os pequenos centros ficam com as cidades de Caçapava, Lorena e Aparecida, representando 3%, enquanto os restantes 5% estão espalhados pelos outros municípios. Sem a presença de centros industriais temos Arapeí, Areias, Bananal, Cachoeira Paulista, Canas, Cunha, Guararema, Paraibuna, São José do Barreiro e Silveiras.

A área do Vale do Paraíba é superior a 18.000 km², vivendo na região aproximadamente 2 milhões e 600 mil habitantes, sendo que, destes, 70% estão nas cidades. As mais populosas, São José dos Campos, Taubaté e Jacareí, somam mais de 1 milhão e 300 mil habitantes. A seguir Guaratinguetá, Pindamonhangaba, e Caraguatatuba, todas com população superior a 100 mil habitantes, e seis outras cidades com população superior a 50 mil habitantes (Cruzeiro, Caçapava, São Sebastião, Campos do Jordão, Lorena e Tremembé). Aparecida, Cachoeira Paulista e Ilhabela ultrapassam os 30 mil habitantes, e as outras 24 cidades têm menos de 30 mil habitantes.

Estas cidades estão distribuídas nas seguintes condições:

Na Serra da Mantiqueira: Campos do Jordão, Santo Antonio do Pinhal e São Bento do Sapucaí.

No Litoral: Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba.

Zona do Médio Vale do Paraíba: Caçapava, Igaratá, Jacareí, Jambeiro, Lagoinha, Monteiro Lobato, Natividade da Serra, Paraibuna, Pindamonhangaba, Potim, Natividade da Serra, Redenção da Serra, Santa Branca, São José dos Campos, São Luiz do Paraitinga, Taubaté e Tremembé, além das vilas e distritos de Moreira César, Eugênio de Melo, Quiririm e São Francisco Xavier.

Zona do Alto Vale do Paraíba: Aparecida, Arapeí, Areias, Bananal, Canas, Cachoeira Paulista, Cunha, Lavrinhas, Lorena, Guaratinguetá, Piquete, Potim, Queluz, Roseira, Silveiras, além das vilas e distritos de Campos de Cunha, Chapéu Grande e Pinheiros.

O que chamamos de *zona do Baixo Vale do Paraíba* são as cidades do setor fluminense e parte de Minas Gerais.

A conquista do Vale teve seu início em fins da metade do século XVII, por meio de três grandes fatores: política de promover a ocupação de terras, procura de jazidas auríferas e preamento de indígenas, e interesse da Metrópole de fazer ligação entre esta e as províncias.

Presentemente o Vale — ligação entre as duas maiores capitais do país — é uma região empobrecida e decadente. Sua população é formada de:

- 1) proletariado;
- 2) grande massa de populações presas a subempregos;
- 3) uma classe média provinda dos grandes fazendeiros, entre os quais se contavam os nababescos barões do café;
- 4) empresariado.

A moral nesta região ainda é patriarcal. Procura-se manter as aparências. É zona de pequeno poder aquisitivo, porém todos têm carro e aparelhagem eletrodoméstica. Nas casas mais pobres dos bairros da periferia não falta o aparelho de televisão. No Vale do Paraíba a sociedade de consumo tem condições ideais para se desenvolver.

Prefácio

Estudando os mitos, aprenderemos que eles têm raízes humanas e inícios comezinhos. Não seria diferente com o Malasarte. Ele frequentará céus e inferno, esse Malasarte estradeiro, o andarilho, o raposo, o senvergonho.

Em princípio, ele se realiza em histórias que o definem como criatura comum, magro, amarelo, pé-no-chão, paracaboclo. Nada de especial. Gente. “Gente de unha e dente, de bunda atrás e nariz na frente”, definição popular, quando se trata do ser autêntico, sem distorções.

Sistematizando as suas características individuais e sociais, podem-se alinhar certas indicações contidas nos relatos recolhidos:

<u>Situação econômica</u> (antes de ser o vagamundo)	<u>Nome do Relato</u>
* Sitiante	Casos do surrão/Pedro Vingador
<u>Herança</u>	Os ladrões roubados
<u>Família</u>	
* Irmãos e pais	Variante dos casos do surrão
* Mãe	Casos da morta assassinada
<u>Profissão</u>	
* Lavrador	O couro das costas Divisão da colheita
* Tratador de Animais	Os porcos no atoleiro Alguns casos do surrão
<u>Pormenores da indumentária</u>	
* Botinas	Diversas burlas
* Chinelos	Diversas burlas
* Chapéu de palha	O chapéu que pagava contas Fugas por meio de artimanhas
* Bonezinho	Malasarte no céu, e variantes

Como veremos.

Por omissão, isto é, por absoluta falta de qualquer alusão, verifica-se que Pedro não palmilhou cidade grande nenhuma — foi da roça diretamente para os redutos de São Pedro e do Diabo —, não apresenta jamais roupa formal, não participou de eleições, não enfrentou juiz. Os contos afirmam concretamente o que ele não era na origem. Zé-Ninguém nenhum, nem trecheiro que anda-andando, pobretão. O pai tinha sítio, casa, um burrinho, plantação de milho, mandioca, feijão das águas. A estrutura se desmantela com a morte do pai. Os filhos, João, Antonio e Pedro, pela ordem, já adultos, fizeram a partilha dos bens, à moda deles. Havia ainda um Zé-Carneiro, irmão às vezes, companheiro de vadiação sempre. João ficou com a casa. Antonio com as terras de plantio, Zé-Carneiro com o burrinho. A Pedro deram uma porta sem serventia. Mais tarde, Pedro chegou a dono de um cavalinho pangaré. Pouco se fala da mãe. Mulher de longa velhice, morto o marido, viveu à custa dos filhos. Muito cotidiana. Fazia crochê, pitava no cachimbo, comia ovo, ralhava. Uma vez que morreu, humanamente mortal.

Os irmãos riam-se do caçula, o que está na tradição do filho mais bobo, aquele que se torna o vencedor, o herói, e casa com a filha do rei. Nesse estágio de vida é somente Pedro. Ainda não saiu definitivamente pelo mundo. Com o irmão Antonio associou-se para cultivar a terra. Esteve fora algum tempo, tendo saído para resgatar a honra do irmão João, como veremos em Casos do Surrão, e nos acontecidos com fazendeiros sovinas. Dessa vez voltou. Ele sairia mais tarde para nunca mais.

Sairia, carregando uma porta imprestável, que depois jogou fora.

Saiu para ser solitário, faminto, insubordinado.

Nada tem, nada obtém, nada guarda. Como o Filho do Homem, não tem sequer uma pedra onde pousar a cabeça, esse apóstolo do avesso. Vai solitário, mudo, sem mensagens traduzidas em palavras, perpetuamente esfomeado. É assustador.

Ele surripia o necessário à sobrevivência, e destrói o que não consegue devorar. Sempre contra os donos do alimento, obriga-os, praticamente, a entregar-lhe tudo, pois carece de tudo. Que isto lhe é devido, está implícito na sua impenitência. Nunca o Malasarte sofre qualquer penalidade. Nunca sentiu remorso. Naquele que escuta as suas histórias não é gerada a menor compaixão, mas apenas deleite e regozijo. “Bem-feito!”

Quando os bens do Malasarte são reais, resulta pertencerem a outros: os porcos do atoleiro. A sopa, integralmente da mulher avarenta, menos as pedras catadas por ele, e que não valiam nada.

Quando negocia o que é seu, vende fumaça e mentira. A fervura da panela (que diz que cozinhava sem fogo), fumaça e mentira. Mentira a esperança de con-

seguir dinheiro fácil, aparado de um animal que o produzia no ventre. O chapéu mágico, que pagava contas, o surrão falante, tudo mentira. Malasarte, vendedor de ilusões, vende o que tem: nada.

Vai mais longe, no caminho do símbolo. Bem mais longe. A rir da sua desvalia, afirma-se exato na crítica a si mesmo, à família, à sociedade. Impinge, por exemplo, ao rico, um passarinho de ouro. E daí vende a única coisa que tem no mundo: merda.

Não será preciso acrescentar que o passarinho de ouro se torna a história mais difundida do Malasarte.

Salientam-se em nosso embaixador folclórico dois traços marcantes.

O primeiro a recusa. Ele se recusa a trabalhar, a ter patrão, a ser oprimido, a seguir o rebanho e observar compromissos, insidioso e insubordinado. O Rebelde. Porque então ele já é o Pedro. Alegando ser sua uma rês reivindicada por um fazendeiro, levantou o rabo da vaquinha e disse, indicando o fiofó: “Nesse o aí eu fiz a minha marca. O Pedro.”

Segundo traço muito característico: a ausência de crueldade. As situações mais vexatórias, mais humilhantes, mais dolorosas, se resolvem num riso fácil. Como se ele dissesse: Estou brincando, gente!

Esteja ele brincando ou não, a resposta é:

— Esse Pedro!

E mais um abanar de cabeça. Porém o gaiato já fugiu.

Deveremos ir ao extremo e defini-lo como impotente e covarde? O que ele for nós seremos com ele, pois o aceitamos, na acepção mais literal da palavra.

Achar graça é aceitar. Na religião também é assim, no outro sentido da palavra graça.

Quanto às suas atitudes, de ser mental e psicológico, e ao correr do seu romance — de homem comum a justiceiro, de justiceiro a ente sobrenatural, da imortalidade ao mito —, ainda há muito a acrescentar.

Não constam mulheres na vida dele, não no sentido habitual de parte de um casal instituído e de um lar. Ocasionalmente, enganou algumas senhoritas, com um pretexto velhaco qualquer, empulhação, jogo de palavras, comédia dos enganos. Mas enganava ao pai e não a elas. E aí possuía a mulher e sumia no mundo. Procedia com elas assim como com os homens ricos: surripiava-lhe os teres, manhosamente, e adeus morena, que eu já vou embora. Dormiu com as três filhas do rei, sem a menor responsabilidade, desdenhoso de conquistar afetos, só para machucar o poderoso patrão, o dono da comida.

De muitas aventuras droláticas fazem-no o herói. A gente do povo não permite dúvidas quanto à homência dos seus representantes. Suas rápidas aventuras

sexuais são sempre as mesmas. Um instantâneo quiproquó improvisado e vai para a cama, facilmente, com fazendeiras e princesas, filhas de sinhô reis, de ricações unhas-de-fome, de patrão-judeu-de-camarada.

As categorias sociais, no Ciclo, assumem formas não urbanas: o fazendeiro, o sitiante criador de porcos, o rei que mora na fazenda. Além de rurais, são categorias não-fidalgas, absolutamente populares.

Nota-se não haver contaminação de temas dos Doze Pares de França no Ciclo do Malasarte. Coevas, as duas correntes são apenas paralelas.

Motivo:

1º) porque os cavaleiros da Távola pertencem à classe dominante;

2º) porque os tais cavaleiros são coerentes, procedendo sempre dentro de padrões de honra e cavalheirismo.

Quão longe desse amigo de baldrocas e explorador de viúvas bobas que, no entanto, forma ao lado dos espoliados.

No seu curriculum nenhum assalto. O que conseguiu, se bem que ilicitamente, é entregue com as mãos do próprio dono, este dando tais mostras de burrice e desonestidade, que, lesado, não tem coragem de reclamar.

No mundo de Malasarte inexistente polícia. O seu tempo sem tempo, o seu espaço, submundo de brumas, sonho de homem acordado, sonho, não comporta coação.

Possuídos, ele não tem. Nem cachorro poca, o companheiro inseparável do caipira. Nada de mala, bolsa, pasta. Quando muito um saco, que abandona em qualquer lugar, por aí, ou vende, convencendo o otário que se trata de um saco mágico. Ganha o dinheiro com mutretas, falação, língua de ouro, mas não guarda nenhum.

Machão. Lá tem medo de boi brabo? De homem nenhum, assombração, alma do outro mundo?

Língua leve, resposta pronta, mais pronto ainda para cair no mundo sem bagagem. Amigo do trabalho? Nem um pouco. Parecido, principalmente nas mentiras, com o Joaquim Bentinho de Cornélio Pires, com o Romualdo de Simões Lopes Neto, com o Alexandre de Graciliano Ramos. Consemelha qualquer mentiroso, pescador de lambari, olho vivo e pé na estrada.

Esse o começo, quando Malasarte ainda tem uma espécie qualquer de passado. Não tardará a percorrer novo caminho. Passará a figura mítica, retrato, símbolo, id de um povo. Aí, sem mais mudanças. Sem mais família. Nunca mais sofrerá as contingências humanas. Nunca mais envelhece. Tampouco morre.

A menção mais antiga ao Pedro de Malasartes, em Portugal, é a cantiga 1.132, do *Cancioneiro do Vaticano*, cantiga de autoria de Pedro Mendes da Fonseca, in edição organizada por Teófilo Braga.

*Chegou Payo de Más Artes
com seu cerome de Chartes
e me leu el nas partes
que chegasse há um mês
e de lunes ao martes
foi Comendador d'Ocrês.*

Diz Viterbo que cerima, çurame, cerome, era uma espécie de capote. De *lunes ao martes* — será de segunda a terça.

Dom Francisco Manuel de Melo, na peça de teatro *Relógios Falantes*, dá esta fala ao relógio:

“Tomei por devoção não dar à gula e à ociosidade nenhum adjutório. A uns acomodados que têm como onzeno mandamento jantar às 11 horas, hei feito tais trapaças e de tão bom humor, que me puderam levantar estátuas como a Pedro de Malasartes.”

Ainda em Portugal, Malasarte é identificado com o Diabo, segundo uma ópera de 1741 — *Encantos de Merlin*:

“Graças ao senhor de Baylard, que me fez a mim Pedro de Malas Artes, ensinando-me, em paga de o servir em Paris, a Magia Branca ou a Negra Mágica.”

Viram? Feiticeiro. Das Malas Artes.

Na Península Ibérica espanhola:

Alonso Jerônimo de Salas Barbadillo publicou *El Sutil Cordovês Pedro de Urdemales*, no século XVI.

Sanches de la Ballesta, em 1587, incluiu o nome Urdemales no seu dicionário de língua espanhola.

Em 1615, aparece a Comédia Famosa de Pedro de Urdemales, de Cervantes de Saavedra, em Madri — uma entre oito.

No segundo ato de *Don Gil de Las Calzas Verdes*, de Tirso de Molina, faz-se alusão ao Urdemales.

Ao mesmo tempo há notícia de outros países ibéricos, cujos episódios migraram para o acervo do Urdemales, ou de Malas Artes. Francisco Quevedo apresenta *Don Pablo, El Buscón*. Mateo Alemán escreve *Vida y Aventura del Pícaro Guzmán de Alfarache*. *Peripécias Burlonas de El Lazarillo de Tormes*, novela de autor anônimo, faz sucesso na Espanha, em 1554.

A vitalidade do pícaro é assombrosa. Em pleno século XX esse personagem medievo frequenta o folk de inúmeras regiões.

Para conferir, leiam os *Cuentos Populares Españoles*, de Aurélio M. Espinosa, publicados pela Stanford University em 1926. A outra edição é de 1946/47, Madri.

Esse escritor coletou 68 versões de contos malasartianos e as dividiu em cinco tipos. Encontrou-as em várias províncias castelhanas. Podemos concluir que os ancestrais diretos do nosso Malasarte são os pícaros ibéricos. Cínicos, vagamundos, cheios de expedientes inescrupulosos. No Brasil, como um ferro imantado, atraiu todas as limalhas do grotesco, num nível permanentemente amoral de ação. À sua biografia, ou ao seu romance, foram aglutinados os episódios em que a artimanha vence. Fesceninos, escatológicos, safados.

Tais como as ações de seus primos do mundo todo. Como Mâchepied, na França; como Ulenspiegel, na Alemanha; como Pacala, na Romênia; como Nicolauzinho, na Rússia. Quem sabe se vieram todos do tronco grego, de Ulysses e de Autólico? Ou de *Mahabharata*, na figura de Krishna, herói sempre vencedor, rico em estratagemas. A migração do Malas Artes e das suas artes más para o Novo Mundo resultou num reflorescimento. Resultou em bibliografia especializada.

No Brasil houve o ciclo das anedotas de papagaio, eróticas ou francamente pornográficas; e as piadas de Bocage, que atravessaram algumas décadas, em grande voga. Mas nenhum, nem papagaio nem Bocage, teve a universalidade, a aceitação unânime do Malasarte. O seu mito flui juntamente com o grande rio universal da malandragem e polariza os expedientes amorais do mundo folk. Ibero de nome, universal de manha e de episódios.

Mário de Andrade, quando quis apresentar o herói sem nenhum caráter, brasileiro, não mencionou Malasarte. Foi buscar Macunaíma.

“No fundo do mato virgem nasceu Macunaíma, herói da nossa gente.”

Entretanto, Macunaíma é um malasarte.

Esse pícaro tem procuração para fazer o que o desvalido não pode, não sabe ou tem medo de fazer, ou os três juntos: não pode, não sabe e não tem a audácia necessária. A tácita aprovação é evidente. Simbolicamente, ele goza da maior impunidade.

O arquétipo humano, brasileiro, do pícaro, sempre dá um jeitinho. O homem do povo, sem prestígio, sem respaldo e desprovido de futuro, conta somente consigo, para se safar de situações incômodas. E não se safa, é evidente. Em consequência, o jeitinho inclui fugas rápidas. Assim, acontecem as fugas, por meio de artimanhas outras que não o passar despercebido.

Devido ao entrelaçamento das histórias, dos temas, das castrações e das convergências, não é fácil a divisão das muitas vidas do Malasarte, partindo do homem físico, indo ao justiceiro, e alcançando o mito. O razoável é tomar o tema predominante, e caminhar da terra para o céu, incidentemente passando pelo inferno, em ligeira parada. É o que tentaremos.

Não se fala aqui de tempo, primeiro isto, depois aquilo. Nosso personagem, atemporal e inespacial, pode ter ido primeiro ao céu, depois andar por aí, pelas roças, de surrão às costas. O ponto de partida pode se localizar em certos tipos vagamundos que, oriundos do mais baixo dos estágios na terra, vão ao céu. Como também pode cada relato originar-se de assombrados e lendas, já em pleno mito, e chegar, no conjunto, a ser criado um ser humano com história e indicações sociais, surgidas como justificativas e explicação.

Entre os gregos antigos, o herói se chama “polítron”, homem de muitas manhas. Por exemplo, Prometeu, que roubou o fogo dos deuses. E, por exemplo, Ulysses.

Os gregos contavam entre eles o homem mais ardiloso do mundo, o mais sagaz, o mais matreiro, o mais mentiroso, Autólico, filho de Hermes e de Quíone, e irmão gêmeo de Télamon. Roubou os rebanhos de Êurito, em Eubeia. Roubou de Amintor o capacete de ouro. Roubou os bois de Sísifo e os disfarçou, tingindo-lhes o pelo. Sísifo, para os reaver, foi à casa do ladrão. Anticleia, filha de Autólico, entregou-se ao hóspede, antes de desposar Laerte, o que pode ter sido suborno, embora a lenda não subscreva tal versão. Então, Ulysses é considerado por alguns, não filho de Laerte, mas de Sísifo. Grande genealogia!

→ HERMES – deus dos negociantes e dos ladrões.



→ AUTÓLICO – trapaceiro e ladrão.



→ ULYSSES.

É.

Por exemplo, Ulysses.

Ulysses veio de boa cepa. Herdou do avô o dom de roubar sem ser pressentido e herdou também a sagacidade matreira.

No entanto, o Malasarte, se é ardiloso, solerte, inescrupuloso, não é feito da massa dos gregos. Tem outros parentes mais próximos, como Ulenspiegel, de quem dizia a futura sogra: “Terás nele um esposo corajoso, com uma grande goela, barriga vazia, língua comprida. Pisa o chão e mede o caminho com a vara da vagabundagem, o eterno batedor de estradas, que vai conseguindo florins e liardos aqui e acolá, sem nunca ter no bolso um tostão oriundo do seu trabalho”.

Na Península Ibérica há outro tipo do mesmo naipe: burlão invencível, astucioso, cínico inesgotável de expedientes e enganos, sem escrúpulos e sem

remorsos. Outro? Muitos outros. Lazarillo de Tormes, El Buscón, Guzmanillo de Alfarache. Esses e mais alguns. Também encontramos entre os contos de Malasarte as deformações sarcásticas do *Decameron*, com o anti-herói Chichibio.

O povo aceitou, acolheu o personagem Malasarte, trabalhou subterraneamente no aperfeiçoamento da sua feição principal de perpétua negaça. Todas as histórias do ciclo tomaram um caráter escapista. Acontecem, evidenciando a artimanha e a solércia. Tangenciam a marginalidade e acabam estabelecendo a vitória do fraco, pela fuga bem-sucedida. E ainda mais, confirmam o ideal do fraco, que é sempre tirar vantagem.

Exemplo:

Pedro tem uma faca que jamais usa contra os outros, jamais contra si mesmo, mas finge que o faz quando arranca de mentira as próprias tripas, e disso tira vantagem.

Malasarte pode, pela artimanha, voltar o opressor contra si mesmo. Vejam o conto em que o herói, empoleirado numa árvore, joga pedrinhas em dois gigantes adormecidos lá embaixo, ora num, ora noutro. Os gigantes acordam, acusam-se mutuamente, e acabam por se matar, para felicidade do herói, cuja tarefa era precisamente matar os gigantes, por ordem do rei. O episódio pertence ao conto europeu de João Mata-Sete, registrado pelos irmãos Grimm.

Para compor o tipo malasartiano, é preciso saber que as histórias do ciclo deslizam por três grandes vertentes:

1º) Relacionamento de patronato

O Pobre e o Patrão. A fome. Lei de oferta e procura. A busca de emprego. Contratos de trabalho, em que o empregado sempre sai perdendo. O que se sublinha nessa vertente é a carência absoluta do assalariado, quase servo; a irresponsabilidade patronal; a vingança que se concretiza na destruição dos bens do patrão, realizada de tal maneira que ele não tem por onde pegar o faltoso. Nos contos de Malasarte a astúcia tem um valor instrumental. A astúcia é arma. O astucioso aparece no combate, em desforço, como um libertador, e, se for tarde demais, como um vingador.

2º) Dicotomia família/mundo

O jovem sai de casa, sai pelo mundo, como se diz, sem intenção de regresso. A volta é uma confissão de fracasso, e, quando não tanto, de uma frustração. Encontra, na outra ponta do binômio família/mundo; fome, cupidez, opressão e repressão. E muita crueldade. Nessa segunda vertente, o Malasarte não procura

patrão. Busca tirar vantagem de qualquer desvantagem: da perda do cavalinho pangaré, cujo couro aproveita para falcatrua; utiliza a desvantagem de não ter absolutamente o que comer e inventa a sopa de pedra; a mãe morre e o cadáver lhe serve para tirar algum lucro.

3º) Avaliação crítica da sociedade

A crítica à sociedade é feita por intermédio de carga contra seus integrantes bem situados:

- a) o burguês lorpa e cornudo, desfrutável para otário;
- b) a mulher infiel;
- c) o padre sensual, comilão, secundando a mulher em práticas de adultério.

Malasarte os desmascara, prejudica-os, engana-os, come à custa deles, cobre-os de ridículo. A sua é uma atitude revolucionária, diante dos poderes constituídos, os civis e os religiosos, em principal –poderes que chama de seo reis, de fazendeiro, de patrão, de seo padre, enquanto os desestabiliza, com irreverência maliciosa.

As histórias droláticas a respeito satisfazem plenamente o povo, pois que o pícaro, de certa maneira, é ainda o justiceiro, castiga a infiel e o cúmplice e faz o marido enganado pagar em dinheiro e bens a própria lerdeza e infelicidade. Assim, o ciclo é uma árvore-mãe com três esgalhos. Sobre ela e eles a convergência acumulou inumeráveis episódios, o que confirma a lei de Propp:

“Os contos têm uma particularidade: as partes constitutivas de um conto podem ser transportadas sem alteração para outro conto.”

Ainda de acordo com Propp, esse traço é específico do conto popular e constitui a Lei de Permuta.

Embora se fale muito em aventuras de Pedro Malasarte, não se trata de aventuras no sentido que se imprime à coisa aventura e à palavra aventura. São as batalhas cotidianas, na grande guerra pela sobrevivência. Na luta incessante para escapar do destino de comida, pois que se trata de um estágio em que o homem é devorado, é material entre os dentes da engrenagem social. Destino de vítima, de pobre, de anônimo.

O Malasarte escapou do anonimato. Não é o herói sem nome, embora pertença à massa de base da sociedade. Passou a personagem, a superpessoa. Não é filho de Fulano, nem filho d’algo, é o Más Artes. Ele é precisamente aquilo que faz.

São estas algumas variações do nome, respigadas em publicações especializadas da América Espanhola: no Chile — Pedro Urdemales, Pedro Urdemale, Pedro Urdimalas, Pedro Urdimal, Pedro Urdimal, Pedro Ulimán, Pedro Animales.

Quase repetindo o nome de Urdemales da Espanha, há o Pedro de Ordimalas da Argentina. Mas já o chamaram Cazador de Perdices e de Malasarte Fura-Vida. Tudo que o define.

Para pingar um ponto final nessa questão do nome, vejamos a questão ortográfica. O que está mais próximo da origem é Pedro de Malas Artes, faltando somente justapor. Não é necessário chamar os mestres para abono dessa grafia. No mais é condescender com a apócope do “s” final, que tal é a ortoepia popular.

As alegações contidas nesta introdução baseiam-se tão somente nos contos resgatados na região valeparaibana. Parece-nos amostragem suficiente. Daí, verificamos que no mundo malasartiano, quem nele entra, penetra em campo de força da magia. Voluntariamente? Folcloricamente. É um mundo estranho, que nos obriga a reconhecer, pela aceitação, pela aprovação desse mundo, a nossa vocação para a malandragem, ou, pelo menos, a nossa cumplicidade. Começa com o sonho do brasileiro de enriquecer rapidamente e sem trabalho: loteria, carreado, garimpo, jogo-do-bicho, carnê-do-baú; e, num plano ainda mais marginalizado: conto-do-vigário, fraude, furto, estelionato, burlas e chantagem.

Sociologicamente, o Malasarte é uma expressão do Brasil-cinderela: qualquer um que está no borralho pode chegar ao palácio do rei, por intervenção da fada-madrinha. Sempre um começa sendo zero, e sempre ruma ao infinito. Desse modo, o conto-malasartiano apenas confirma o que é veiculado nas novelas televisivas e radiofônicas, no luxo das fantasias de carnaval, rei, rainha, de um dia de glória e um ano de penas. No joguinho do bicho, cercando o macaco pelos sete lados. Cinderela. O traço mais firme e mais persistente da nossa personalidade.

O jeitinho fará parte do símbolo-Cinderela?

Falamos frequentemente em arma de luta, de sobrevivência nestes comentários. Pela ordem: astúcia, desfaçatez, fuga e riso. Tudo armas, que quase todas foram vistas.

Vamos ao riso.

O mundo malasartiano, todo ele envolto em riso, no grande riso universal, que é arma do oprimido, arma do desvalido, arma de escravo. O riso brota da Estultícia, em grego *Mária*, essa dispensadora da felicidade, como diz Erasmo, em *Elogio da Loucura*. Diz e acrescenta:

“Se faltar a loucura, verdadeira ou fingida, para mover ao riso, contratarão um palhaço mercenário e um ridículo parasita, aquele com caretas grotescas, este com ditos estultos, loucos portanto, que afugentarão o silêncio e a tristeza.”

Comenta Umberto Eco que a comédia purifica uma das paixões: o prazer do gozar o ridículo sofrido por outrem.

“O ridículo dos fatos”, diz ele, “nasce da assimilação do melhor ao pior e vice-versa, do surpreender enganando, do impossível, da violação das leis da natureza, do irrelevante e do inconsequente, do rebaixamento dos personagens, do uso de pantomimas bufonescas e vulgares, da desarmonia, da escolha das coisas menos dignas.”

Puro Malasarte.

E nasce sobretudo do equívoco. Equívoco de pessoas. De palavras. De palavras semelhantes para coisas diferentes, como veremos aqui mesmo, neste livro.

Não era o que eu pretendia, mas nestas alturas é necessário citar o ultra batido *ridendo castigat mores*, e comentar que Licurgo mandou erigir uma estátua ao riso. E que os romanos davam ao povo pão e circo, isto é, comida e riso. “O riso é o deleite da plebe”. O riso é a vingança da plebe. O riso é a arma da plebe. E assim tudo é levado à irrisão. Para aguentar a negra vida.

No universo simbólico malasartiano, o riso tem um significado cruel, uma vez que se origina da impotência. Impotente, ele quer rir do patrão. Ele ri das injustiças, da pele arrancada do lombo, dos gananciosos que compram excrementos, das pedras de fazer sopa, das mulheres que têm o padre ou o sacristão à sua mesa e à sua cama, ri da mãe que morreu comendo carne-seca com farinha, ri de São Pedro, dos santos, do Diabo.

Mas, ai! É riso que não desestabiliza nenhuma estrutura. Não alcança os ouvidos de quem deve ouvi-lo.

Vem pesado do materialismo das graças populares e que, por material, tão perto fica da terra! Falta-lhe força. Falta-lhe sutileza. Faltam-lhe asas.

Vindo dos primitivos, ele brota e participa da merda, do peido e do arroteo.

Ruth Guimarães
Cachoeira Paulista, 2003

Facécias

Malasarte e o cego

Desde menino, Malasarte já era daninho. Certa vez foi ser guia de cego, pediu esmola numa casa e deram pão com linguiça. Ele foi, tirou depressa a linguiça do pão e entregou o pão sem nada pro cego. Pedro, onde está a linguiça? Que linguiça? A que estava aqui dentro do pão. Aí não tinha linguiça nenhuma. Como não? O senhor quer saber mais do que eu, que vi o pão que a dona trouxe. Mas eu estou sentindo o cheiro. O cego deu uma porção de cacetadas no Malasarte, aproveitou que estava sujigando ele com a mão. Pedro foi andando emburrado, puxando o cego, e daí falou assim:

— Dá um pulo aí, meio grandinho, patrão, que tem uma valeta.

O cego armou o pulo e foi com o peso do corpo, e bateu com o nariz num muro.

— Ô excomungado! Por que não me avisou que aí tinha muro? Falou que era valeta.

— Ué! Pensei que dava pra saber. Nariz que cheira linguiça, cheira muro também...

Informante: Este caso foi contado por um tio e o pai da Autora, quando eram moços, amigos da troça e do malfeito. Um tinha o curso primário incompleto, outro o secundário.

Notas sobre o pícaro que guiava cegos

O livro *La Vida del Lazarillo de Tormes, y sus Fortunas y Adversidades* apareceu em meados do século XVI, anônimo, na Espanha. Foi atribuído a Frei Juan Ortega, depois a Diego de Mendoza, aos irmãos Valdés e a Lope de Rueda. Teve inúmeros imitadores. Os críticos modernos acreditam que seu autor foi o escritor toledano Sebastián de Horozco. É possível que se trate da coordenação de contos da literatura oral. Conta a história de um homem que, quando menino, serviu de guia de cego, foi criado de um padre, de um escudeiro, de um frade, de outro frade que mercadeja indulgência, vendendo bulas papais, e outros. Quando guia de cegos, fazia buracos no saco das esmolas, e dali tirava torresmos e linguiças; e roubava vinho das botijas, com um canudo de palha.

Em razão da deficiência, e de precisar se apoiar em meninos de rua, ou a quaisquer outras pessoas, para as atividades mais mezinhas, o cego já era desconfiado. Conta Lazarillo que o cego o maltratava muito — o livro está na primeira pessoa — e, para vingar-se, um dia em que chovia, conduziu o cego a um lugar onde a enxurrada passava junto a uma coluna de pedra. Ali o fez saltar, dizendo ser a corrente mais estreita nesse local. O cego saltou e bateu com tamanha violência na coluna, que caiu sem sentidos. O guia se mandou e desde esse dia, nunca mais o cego ouviu falar dele.

Um conto relatado por integrantes de uma colônia portuguesa do Vale do Paraíba é tão explícito quanto aos motivos da vingança do guia do cego quanto o conto brasileiro atribuído ao Malasarte.

O guia pediu esmola em uma casa, recebeu pão com tocinho, frito em torresmos. Comeu e deu ao cego somente o pão. O cego imediatamente reclamou:

- E o recheio do pão?
- Não tinha nenhum, não senhor.
- Havia tocinho aqui, ora se havia. Estou a sentir-lhe o cheiro.

O guia não disse nada, porém, mais adiante, quase junto a um moirão de cerca, avisou:

- Dê um salto, que em frente tem uma valeta.

O cego saltou e deu com o nariz no moirão.

Pôs-se a xingar em altos brados e o guia falou:

- O senhor cheira tocinho e não cheira pau na cara?!

Malasarte e o padre

O padre falou assim pro Malasarte:

— Você tem que assistir à missa todos os domingos, senão você vai é pro inferno, do jeito que você é danado.

— Então eu vou começar a ir todo o domingo.

— E tem mais. Não pode fazer arte dentro da igreja.

— Não faço não, seu padre.

— E tem que prestar atenção, com o sentido na reza, e sem estar armando treta pros outros.

— 'tá bom. Eu faço.

— Se você se aplicar mesmo, eu dou um cavalo pra você.

— Isso é bom demais.

Naquele domingo, o primeiro que se levantou e o primeiro que chegou na igreja foi o Malasarte. Sentou bem na frente, que o padre ia entrando e já dando com a vista nele. E foi indo à missa com todos os riquififes, e o Pedro seguindo, e o Pedro se enchendo, e o Pedro enjoado de estar ali, ora sentado, ora ajoelhado, quando chegou uma certa hora, em que o padre chegou perto da grade, ele perguntou, soprando:

— Seo padre, o cavalo é arreado ou sem arrear?

Malasarte e o anjo

Uma vez Pedro Malasarte, sentado na cadeira, na varanda de sua casa, pensou que se tivesse um cavalo bonito com arreio de prata e uma linda moça, seria o mais feliz dos homens. Mas pensou: nunca fui à missa, sim já fui mas nunca prestei atenção, nem sei o que o padre diz na missa.

Nesse instante apareceu o seu anjo da guarda e disse: se você for à missa e só prestar atenção e não pensar em nada, só nas palavras que o padre disser...

Quando chegou na missa, que estava quase para acabar, Pedro pensou: será que este cavalo é com arreio ou sem arreio?

Quando chegou em casa muito feliz da vida, seu anjo da guarda estava lá.

Então Pedro disse: pensei que quando saísse da missa meu cavalo estava lá me esperando, daí seu anjo disse: mas a aposta não valeu porque no meio da missa você pensou.

Daí então o Pedro nunca mais foi à missa.

***Informante:** Mané Ouriço, desempregado profissional. Meia-idade, alfabetizado, percorre a cidade de Cachoeira Paulista, todos os dias, à procura de quem lhe empreste dinheiro.*

Malasarte e o português

O Pedro Malasarte convidou o português pra fazer uma caçada. O Pedro foi p'uma parte e o português pra outra. No meio do caminho havia uma cacimba com a boca encoberta de mato. O português não prestou atenção e caiu lá embaixo, a uns dez metros de fundo. Quebrou uma perna e um braço e pegou a gritar que não tinha mais jeito. Pedro foi na direção dos gritos e deu coaquela tristeza.

— Cale a boca aí, portuga, que eu já achei você. Aguenta um pouco.

A cacimba tinha uma carretilha, e uma corda. O que Pedro fez? Desceu a corda pra salvar o outro. Como não tinha mais nem pé nem braço, tudo quebrado, o homem agarrou a corda com os dentes. Pedro foi virando a manivela, e enrolando a corda e o homem subindo, subindo, quando chegou em cima com os dentes arreganhados, o Malasarte perguntou: Ué! Tu tá dando risada por quê?

O português foi abrir a boca pra explicar, a corda escapou, ele caiu lá embaixo e morreu de uma vez.

*Entrou num bico de pato
saiu no bico dum pinto
Quem escutou esta
Conta cinco*

***Informante:** Antônio Alves de Oliveira, roceiro, moço, São Luiz do Paraitinga.*

Pedro e o cavalo branco do português

Um português estava tirando um galho de árvore, e sentou na ponta dele. Pedro passou, viu o homem naquela posição errada e falou:

— Ô seo português, o senhor vai cair daí.

Quando acabou de serrar o galho, o português caiu mesmo e se esborrachou no chão. Levantou e saiu correndo até alcançar o Pedro.

— Ô senhor Pedro, o senhor adivinhou que eu ia cair, agora quero que adivinhe quando eu vou morrer.

— Fácil. O senhor vai morrer quando montar no seu cavalo branco.

O português nunca mais chegou perto do cavalo branco.

Foi indo, ele esqueceu e um dia, por precisão de ir pra cidade, selou o cavalo branco, amontou, foi andando, o cavalo deu um prisco, ele caiu e ficou desmaiado, estatelado no chão. Os que o viram no desmaio, pensaram que ele tinha morrido, enrolaram num lençol, puseram em cima de um carro e iam levando o coitado pra cidade. Passando no viaduto, ele acordou, assustou, pulou lá embaixo e morreu. Pedro saiu pro mundo espalhando que tinha acertado o dia da morte do português.¹

Um homem estava cortando um galho sentando no mesmo galho. Pedro Malasarte passou e falou: o senhor vai cair daí. Quando acabou de cortar o galho, o homem caiu mesmo e perguntou:

— Já que o senhor adivinha, adivinhe quando eu vou morrer.

— Fácil! Quando o seu burro der três trupicão.

O homem foi pra casa e a mulher dele falou:

— Marido, você tem que fazer compra. Acabou o feijão, o arroz e o pó.

O homem arreou o burro e foi pra vila. Comprou o que tinha de comprar, bebeu uma garrafa inteira de pinga e no caminho de casa se perdeu. Foi atravessar uma ponte. Bem no meio da ponte, o burro deu um

1. Pacala tinha dois cavalos. Uma cigana predisse que ele morreria quando a sua jumenta empacasse três vezes. Como aconteceu que o animal empacou três vezes, conforme a predição da cartomante, Pacala pensou que tinha morrido e se atirou no chão, bem no meio do caminho. A situação é tema dos Motivos 1240 ("The man sitting on the branch of the tree cuts it off") e J2133.4 ("Numskull cuts off tree-limb on which he sits") de Aarne-Thompson.